

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: NOVOS OLHARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UM PERCURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Joyce G. Nunes Serafim²

Luciane Pandini Simiano³

Resumo: O presente artigo analisa as narrativas das documentações pedagógicas construídas em um percurso de formação continuada com professoras da educação infantil de um colégio da rede particular do município de Tubarão – SC. Para tanto, apresentamos elementos de uma pesquisa desenvolvida a partir dos pressupostos da pesquisa documental. Como material empírico, analisamos as documentações pedagógicas e as cartas produzidas no percurso formativo que teve duração de seis meses. Como problema de pesquisa, temos: O que contam as documentações pedagógicas construídas em um percurso de formação continuada com professoras da educação infantil? Como resultados, inferimos, a partir das documentações pedagógicas, a narrativa de uma imagem de crianças potentes, ativas, protagonista de suas ações, que exploram, brincam, interagem, divertem-se e se comunicam por meio de diversas linguagens. Com relação aos indicativos de práticas docentes que assegurem as especificidades da educação infantil, percebemos que as práticas educativas não se limitam somente ao cuidado, mas também as brincadeiras, interações e as linguagens, que são eixos norteadores do currículo proposto pelos documentos legais da educação infantil. Por fim, documentar foi desafiador para as professoras, suas narrativas evidenciam as dificuldades encontradas, bem como o quanto tal processo propiciou novos conhecimentos, novas descobertas e uma outra forma de olhar para as crianças, para as narrativas e para os movimentos constituídos e constituintes no contexto educativo.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica. Educação infantil. Formação continuada.

1 INTRODUÇÃO

As creches surgiram em nosso país como espaço de guarda e cuidado das crianças pequenas, quando as mães começaram a entrar no mercado de trabalho. A partir da Constituição Federal de 1988, começou-se a discutir a creche como espaço público de educação coletiva, dos direitos das crianças. Esse avanço foi muito significativo para a educação infantil, porém trouxe para a área alguns desafios, entre eles, a formação inicial e continuada de professores

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.
E-mail: joycegnunesserafim@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora do quadro permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.
E-mail: lucianepandini@gmail.com/Luciane.simiano@unisul.br.

atuantes na educação infantil, que deveriam considerar as crianças, a partir de então, como sujeitos de direitos, criativas, inventivas e participantes ativas na construção de experiências que fazem parte do cotidiano.

A respeito da formação continuada, sabemos que é obrigatória por lei, porém “a falta de uma política educacional trouxe problemas sérios [para a] [...] *formação de professores*” (KRAMER, 2005, p. 428). Em consequência, houve poucas horas ofertadas de formação e uma defasagem muito grande nas formas como são ofertados e planejados esses cursos para os professores, não acontecendo como um conhecimento sucessivo, continuado, com sentido, mas algo esporádico, no qual teoria e prática aparecem dissociados.

Na Itália, a Documentação Pedagógica tem sido considerada como um processo que sustenta a prática e a formação dos professores, possibilitando com que os mesmos avaliem suas práticas pedagógicas e ouçam as necessidades, especificidades e indicativos das crianças. No Brasil, a discussão do processo de Documentação Pedagógica, ainda, é algo recente, alvo de diversos estudos, resultando em poucas produções acadêmicas. Entre elas, podemos citar seis autores: Mendonça, 2009; Marques, 2011; Baracho, 2012; Vieira, 2013; Cardoso, 2014 e; Simiano, 2015, os quais pesquisam nesta área. Também em nosso país, por falta de conhecimento e familiaridade com o tema, a maioria dos professores, quando ouvem essas palavras, ficam receosos quanto à maneira de que ela é produzida.

Sabemos que muitos professores já têm incorporado o registro em suas práticas cotidianas, seja por meio de fotografias, vídeos, relatos das situações propostas às crianças, principalmente para compor os portfólios que são entregues ao final de cada semestre para as famílias. Porém, a Documentação Pedagógica vai muito além disso... Esta estratégia pedagógica, que tem como premissa a observação, o registro, a interpretação e construção de narrativas, possibilita-nos novas formas de pensar em um trabalho docente que respeite as crianças, seus tempos e considere-as como protagonistas dos acontecimentos e experiências que fazem parte do dia a dia, promovendo, assim, “[...] a ideia da escola como um lugar de prática política democrática, permitindo que cidadãos, jovens e idosos envolvam-se em questões importantes” (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2012, p. 229).

No percurso acadêmico, a possibilidade de realizar os estágios em Educação Infantil e participar de uma pesquisa de iniciação científica (PUIC – UNISUL) durante o ano de 2019 foi fundamental para ampliarmos o olhar sobre essa instigante temática. O projeto, realizado no PUIC, está vinculado ao GEDIG/UNISUL (Grupo de pesquisa Educação, Infância e Gênero) e insere-se no interior do projeto de pesquisa coordenado pela Prof. Dra. Luciane Pandini Simiano, intitulado: “Documentação Pedagógica como narrativa da experiência educativa:

Perspectivas para a docência e formação de professores na Educação Infantil” aprovado pela CHAMADA PÚBLICA Nº 06/2017 FAPESC/CNPQ. Por meio desse projeto, foi realizado um curso de formação continuada com professores que atuam na Educação Infantil. Essa oportunidade revelou-se como essencial para promover um aprofundamento teórico-prático sobre o processo de documentação pedagógica, tendo em vista que, ao longo desse percurso formativo, previa-se a construção de uma documentação pedagógica por cada professor. Assim, eles iam contar sobre a experiência educativa vivenciada junto às crianças na educação infantil. Esse fato se constituiu como um grande desafio, considerando que a maioria das professoras participantes já lecionavam há muitos anos, mas desconheciam o processo de documentar na perspectiva apresentada. Ofertar um curso de extensão aos professores que tem como foco a construção de narrativas de seu cotidiano educativo possibilita novas experiências e essas, posteriormente, poderão ser recontadas e reavaliadas, de forma a tornar esses profissionais, também, protagonistas das suas histórias de ensino.

A partir desse percurso de estudo e investigação é que o problema da presente pesquisa se coloca: O que contam as documentações pedagógicas construídas em um percurso de formação continuada com professoras da educação infantil? Como objetivo geral, delineamos analisar o que contam as Documentações Pedagógicas construídas em um percurso de formação continuada com professoras da educação infantil. A partir desta proposta, elencamos como objetivos específicos: identificar nas documentações pedagógicas a imagem de criança; pesquisar nas Documentações Pedagógicas se há indicativos de práticas docentes que assegurem as especificidades da educação infantil e; estabelecer relações entre o processo de Documentação Pedagógica e sua contribuição na formação continuada de professoras da educação infantil.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa, a partir dos pressupostos da pesquisa documental, visto que propõe a investigação de documentos que ainda não foram analisados (LAKATOS; MARCONI, 2001). A partir dessa perspectiva, elegemos como instrumento de pesquisa as documentações pedagógicas e as cartas produzidas pelas professoras da educação infantil.

O contexto da pesquisa é uma instituição educativa da rede particular de ensino, localizada no município de Tubarão/SC. Os sujeitos da pesquisa, indiretamente, estarão envolvidos, sendo elas duas professoras e seus respectivos grupos de crianças no ano de 2018.

Para realizar a coleta de dados, acessamos as documentações pedagógicas construídas no curso de extensão pelas professoras, no “*Giardino* - Centro de Documentação Pedagógica em Educação Infantil” disponibilizado no Repositório Institucional RIUNI/UNISUL. Trata-se

de um ambiente digital que permite acesso a documentos relativos à produção intelectual das mais diversas áreas do conhecimento na UNISUL. E o acesso as cartas escritas pelas professoras no curso de extensão, solicitamos junto à professora coordenadora do curso de extensão. A partir dos dados, construímos um roteiro de investigação e análise, buscando identificar os conceitos de criança e infância, as práticas docentes e a contribuição do processo de documentação pedagógica na formação continuada.

A seguir, iremos discutir aspectos relacionados à educação infantil e formação de professores atrelados à Documentação Pedagógica e o quanto esta estratégia contribui para a prática pedagógica das professoras e, também, o quanto as crianças são beneficiadas com esse processo. Por fim, iremos desdobrar e aprofundar os objetivos estabelecidos por meio das análises das documentações pedagógicas, produzidas pelos professores no percurso de uma experiência formativa.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL, DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CAMINHO PERCORRIDO ATÉ OS DIAS ATUAIS

No nosso país, as creches surgiram como necessidade para as mães trabalharem, acompanhando a “estruturação” do capitalismo. Inicialmente, as creches possuíam o caráter assistencialista, “definiam as crianças como carentes, deficientes, imaturas, defasadas” (Kramer, 2006, p. 800) e visavam somente o cuidado para as camadas sociais menos favorecidas.

Foi somente durante a Constituição de 1988 que aconteceu o reconhecimento da educação infantil como dever do Estado e o atendimento em creches e pré-escolas tornou-se direito social da criança, sendo considerada como primeira etapa da educação básica, atendendo crianças de 0 a 6 anos de idade a partir da LDB/1996. Nesse momento, ocorreu uma conquista e a criança passou a ser considerada:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Assim, a educação infantil passou a receber novos olhares e propostas. As crianças não seriam mais “crianças que viriam à ser”, mas, agora, “crianças que já são, no presente”. Já são

inventivas, criativas, sujeitos de direitos, construtoras, criadores de inúmeras hipóteses sobre o mundo e sobre o lugar que está inserida.

“Do debate sobre a educação de crianças [...] nasceu a necessidade de formular políticas de formação de profissionais e de estabelecer alternativas curriculares para a Educação Infantil” (KRAMER, 2006, p. 802). Logo, a educação infantil passou a ter um currículo que, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, é:

[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p. 19).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil têm como objetivo principal nortear e orientar o planejamento curricular, porém, em meio a tantos ganhos, surgem, também, alguns impasses na área educacional, pois muitas são as dificuldades que enfrentamos para colocar em prática aquilo que é assegurado por lei. Entre elas: a falta de financiamentos; não levar em conta a trajetória dos professores, que foi um longo caminho árduo; encontrar uma nova forma de planejar as vivências; lutar contra a desigualdade socioeconômica presente nas creches e; diversos outros. Mas, em especial, a deficiência na formação de professores da educação infantil.

“Ainda hoje, formar professoras para lidar com crianças pequenas é uma tarefa nova na história da escola brasileira e, para muitos, desconhecida e até mesmo, [considerada] menos nobre” (KRAMER, 2006, p. 804). Esta área da formação do professor possui muitos desafios, necessidades e possibilidades. No momento atual, o “papel tradicional da professora [ainda] é preservado, o que reforça a imposição precoce de um modelo escolar tradicional ao atendimento de crianças no início de seu desenvolvimento” (CAMPOS, 1999, p. 128). Além disso, os professores

[...] constatam que a caracterização do aspecto educativo ainda não está muito clara: o método da professora de pré-escola continua dominante, em muitas regiões. As experiências educativas mais inovadoras surgem da combinação de dois fatores interligados: a **formação em serviço** e a **contribuição da pesquisa realizada em parceria com a universidade**, pois a creche passa a ser reconhecida como observatório privilegiado das investigações sobre o desenvolvimento da criança e a cultura da infância. (CAMPOS, 2008, p. 124, grifos do autor).

Este reconhecimento redimensionou a formação inicial e a formação em serviço, mas creches e pré-escolas continuam funcionando e recebendo crianças sem reconhecer o direito dos profissionais à formação continuada (KRAMER, 2006, p. 806), que é obrigatória por lei.

“A formação é necessária não apenas para aprimorar a ação profissional ou melhorar a prática pedagógica. A formação é direito de todos os professores, é conquista e direito da população, por uma escola [...] de qualidade” (KRAMER, 2005, p. 224). E, como consequência positiva, faz com que os professores repensem a sua prática, atualizem os conhecimentos, estejam ligados aos assuntos da atualidade e, também, trazendo benefício não só ao seu profissional, mas principalmente, ao pessoal.

Mas, afinal, como acontece a formação continuada na educação infantil? Quais as estratégias de formação são utilizadas entre os professores? Como fazer com que os professores repensem suas práticas cotidianas, exercitando um novo olhar e uma nova escuta? Como a Documentação Pedagógica contribui com todo esse processo?

A Documentação Pedagógica, são palavras que quando ouvidas pela primeira vez causam um imenso estranhamento, por serem pouco conhecidas, mas são essenciais para a sustentação da prática docente de professores que atuam com as nossas crianças e que as respeitam e as consideram como

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Mas, afinal, como surgiu a Documentação Pedagógica? O que é? Por que é importante? Qual a sua relação com a formação continuada de professores? Essas são as primeiras perguntas que vêm à cabeça quando algum professor ouve sobre esse processo.

A Documentação surgiu há muito tempo, na Itália...

Primavera de 1945, seis dias após o término da Segunda Guerra Mundial. Depois de um longo período de obscuridade, raios de luz visitam o pequeno vilarejo chamado Villa Cella, há algumas milhas da cidade de Reggio Emilia, no Norte da Itália. Ali, um grupo de pais toma uma decisão: construir uma escola para crianças pequenas. Lóris Malaguzzi, um professor que trabalhava pelas proximidades, ouviu falar de tal iniciativa. Curioso, pega sua bicicleta e resolve ver de perto do que se tratava. Ao chegar, fica profundamente tocado com o que vê. Numa paisagem mestiçada de tristezas nunca antes vistas, mulheres, em meio aos destroços, empenham-se a catar, recolher, lavar e separar pedaços de tijolos e restos de vigas de casas bombardeadas. Logo mais à frente, um grupo de pessoas negocia a venda de um tanque de guerra abandonado e alguns cavalos. Afetado pelo desejo daqueles sobreviventes aos horrores da guerra, o professor resolve juntar-se a eles. Aproxima-se, fita-os nos olhos e, em meio ao silêncio, surge uma voz: “Construiremos a escola. Trabalharemos sem cessar, todas as noites e aos domingos, até que fique pronta.” “E o resto?” Perguntou-lhes o jovem professor. “O resto. O resto virá [...] juntos encontraremos um modo. (SIMIANO, 2015, p. 26).

Familiares, comunidade e professor juntos em prol de um único objetivo, “desejavam espaços com melhor qualidade [...]. Daí emergiu o desejo, a determinação de pensar, produzir novos rumos e estratégias educacionais capazes de atender as crianças e suas famílias” (SIMIANO, 2015, p. 27).

Lóris Malaguzzi foi o professor empenhado em ajudar os pais e a comunidade a (re)construir a creche. Futuro gestor da mesma, criara muitas estratégias políticas e educacionais que sustentam até hoje a prática pedagógica na Itália, sendo um grande modelo de Educação Infantil que respeita as crianças. Crianças que “[...] mostravam não caber em “gavetas”, pois eram críticas, criativas e inventivas” (SIMIANO, 2015, p. 20). E, assim, continuam.

Entre as muitas estratégias, eis a Documentação Pedagógica, “compreendida como uma narrativa tecida com os fios da experiência, no encontro entre adultos e crianças” (SIMIANO, 2015, p. 15) considerada não mais uma criança que virá a ser, mas que é.

Todavia, para que isso aconteça, é essencial quebrarmos a lógica hierárquica e temporal imposta nas creches, principalmente dentro das salas, onde os professores mandam e as crianças obedecem, sobretudo na educação infantil. Conforme Ostetto (2008, p. 13), “a proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica.”

Dessa forma, compreender a documentação como um “processo cooperativo que ajuda os professores a escutar as crianças com quem trabalham, possibilitando assim, a partir da documentação a construção de experiências significativas *com* elas” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 84). Devemos olhar as crianças, suas relações e vivências de outras formas, pois “nesse cotidiano acelerado, cronometrado pela lógica temporal do relógio, poucas situações realmente *nos* passam, *nos* tocam, *nos* marcam sensivelmente ou nos possibilitam viver experiências” (SIMIANO, 2015, p. 23).

Precisamos olhar as crianças de outro ângulo, fundamentadas em novas teses, com novos olhares. “Sendo a creche o primeiro espaço de educação coletiva do ser humano, acreditamos ser necessário configurar-se em um espaço significativo, capaz de potencializar experiências” (SIMIANO, 2015, p. 25). Para isso, é necessária uma escuta que “permite a comunicação e o diálogo [...]” (RINALDI, 2002, p. 81). É necessário quebrar paradigmas, investir na formação inicial, atualizar os conhecimentos e as aprendizagens dos professores, por meio de formações continuadas, para que as crianças sejam beneficiadas, porque o foco das creches são elas, afinal são “sujeitos ativos no processo de construção histórica, com direitos,

com criatividade, com capacidade de fazer escolhas. Suas vozes devem ser ouvidas com uma escuta sensível e refinada” (LISBOA, 2019, p. 17). E assim, devemos considerar e praticar a proposta da Documentação Pedagógica, visto que ela dá visibilidade às narrativas desenvolvidas pelos professores, além de valorizar a escuta, a observação e o registro das atividades experienciadas. Vale ressaltar que não é uma escuta e observação qualquer, mas sensíveis e refinadas, realmente “aquilo que me toca” e que exerçam “[...] um importante papel [...]: a busca por significado” (RINALDI, 2002, p. 80).

“*Registrar*. [...] À medida que tomamos o cotidiano educativo como histórias a serem contadas e partilhadas, compreende-se a necessidade do registro” (SIMIANO, 2015, p. 60). O registro nos permite assumir a responsabilidade por nossas ações e por nossa forma de criar significados. “Ao tornar o trabalho pedagógico visível e sujeito ao debate aberto e democrático, a Documentação Pedagógica oferece visibilidade para que a Educação Infantil ganhe novo prestígio e legitimidade social (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002, p. 230). As crianças passam a ser ouvidas e participam do processo educativo. “Acreditamos que é importante tentar refletir sobre as perguntas das crianças e entender *por que* elas estão perguntando por quê” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002, p. 240). A Documentação “não significa coletar documentos após a conclusão de experiências com as crianças, e sim durante o andamento dessas experiências” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002, p. 239). Acreditamos no processo de Documentação Pedagógica como momento rico pela partilha de experiências, pelas trocas de aprendizados, por considerar a criança, uma criança que, desde sempre, pode compreender, aprender, interagir, questionar, investigar, brincar e ampliar as diversas linguagens existentes.

O que elas dizem e fazem é importante, pode ser ouvido, valorizado, compartilhado, apreciado e compreendido” [...]. [...] As crianças nos ensinam, porque elas estão abertas a tudo. Elas podem nos ensinar a sermos abertos aos outros e às suas diferenças. Elas podem nos ensinar a sermos abertos à ideia de que somos extraordinários porque somos únicos, porque somos diferentes. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002, p. 243).

Por meio da Documentação Pedagógica, “as crianças sentem que nós valorizamos o que elas dizem e, portanto, o que elas pensam, porque gravamos, transcrevemos e refletimos sobre os seus possíveis significados” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002, p. 243).

Após um número significativo de registros, é necessário revisar o material coletado. É preciso reler as anotações, de modo cuidadoso. Os registros são transcritos e reorganizados. As fotografias e gravações são selecionadas criando uma sequência lógica das cenas. Porém, “[...]”

não é possível documentar sozinho, porque sobre o documentado é necessário um diálogo, [...] que o outro ou a outra possam compreender, é necessário estar disposto a despir-se e a aceitar a crítica” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 16). Então, “a coleção é organizada para ser compartilhada, inicialmente, com os colegas professores da creche” (SIMIANO, 2015, p. 25). Outros olhares, outras formas de interpretar o acontecimento, que nos fazem refletir sobre o que queremos mostrar.

Então, emerge uma das três funções da Documentação Pedagógica, a função de construir material pedagógico para a reflexão sobre o processo educativo, no qual oportuniza aos professores e gestores olharem para as suas ações docentes e possibilita, por meio das conversas e novos olhares, dados para a discussão, ressignificação e avaliação das suas práticas, podendo mudar as estratégias conforme indicações e desejos das crianças, possibilitando ao professor pensar, reconhecer-se, propor, inventar e reinventar.

E, assim, analisando a prática cotidiana, surgem alguns questionamentos: O que contam os professores sobre seus encontros com as crianças? Quais suas narrativas sobre crianças, as especificidades de sua educação? Poderia o processo de documentar contribuir na formação continuada de professores?

3 DOCUMENTAÇÕES PEDAGÓGICAS PRODUZIDAS PELAS PROFESSORAS

Exercitar um novo olhar, encontrar tempo para parar, observar e registrar, “construir experiências positivas com as crianças, sustentar seu próprio crescimento profissional e, portanto, melhorar a própria capacidade de comunicação com os meninos e as meninas, com os colegas, com os pais e outros adultos” (GALARDINI; IOZZELLI, 2017, p. 87) é sempre um desafio.

Nesse entendimento, seguimos para as análises, para descobrirmos e conhecermos as situações significativas das crianças e as documentações pedagógicas construídas no percurso de formação continuada pelas professoras.

Figura 1 – Documentações pedagógicas: “a construção da cabana”; “as construções com a caixa de luz” e “construções no jardim”



Fonte: Centro de Documentação Pedagógica – RIUNI, 2020.

O campo da educação infantil teve muitos ganhos ao longo dos anos e, ainda, “[...] vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças” (BRASIL, 2010, p. 07). Pensar e propor novas situações significativas que vão ao encontro daquilo que as crianças se interessam e buscam, evidenciam o quanto o professor tem o poder de limitar ou potencializar as criações das crianças. Outrossim, a organização da sala e dos espaços propostos para as crianças oportunizam novos contatos, novas possibilidades, desafiam seus limites e, assim, constroem a subjetividade de cada criança que ali frequentam.

Portanto, experiências proporcionadas no contexto educativo, seja na sala ou fora dela, com a participação e ajuda da professora, bem como a documentação pedagógica acima, mostram-nos o quanto as crianças são autônomas, expressivas, sabem conduzir às brincadeiras, exploram o meio em que estão inseridas, imaginam, constroem, criam, inventam e interagem umas com as outras e com os adultos. Nesse sentido, o

[...] ato de deixar as crianças transitarem livremente, disponibilizar espaços generosos e possibilitar tempos longos para suas descobertas, o professor cria um contexto que incentiva e sustenta a interação entre eles, assumindo, assim, um posicionamento de confiança na capacidade das crianças de viverem outras relações além das estabelecidas com os adultos. (SIMIANO, 2015, p. 86).

Desta forma, podemos perceber o quanto a educação infantil e seu terreno fértil é extremamente importante. Verificamos, também, o quanto um olhar sensível às indicações das crianças e que proporcione novas organizações espaciais dos mobiliários, dos brinquedos e explore os espaços fora da sala, faz diferença no cotidiano delas. Isso possibilita novas construções, novas descobertas, novas maneiras de brincar e novas formas de organizar aqueles materiais e o contato com as mais diversas materialidades.

Nas documentações pedagógicas pesquisadas muitas são as **imagens de crianças** que podemos encontrar, entre elas, podemos elencar as **de crianças autônomas, que brincam, procuram, fazem descobertas, invenções, resolvem conflitos por si mesmas, pensam, imaginam quando e como querem, propõem brincadeiras, interagem com as outras crianças e com os adultos e exploram e se apropriam por meio de brincadeiras e vivências das diversas linguagens existentes**, tal como o que está proposto pela Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (2010, p. 25),

[...] o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.

Quando o professor entende o seu papel e propõe diferentes situações significativas, ampliando “[...] a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas” (BRASIL, 2010, p. 26), ele **acolhe este mundo físico, social e simbólico da criança, legitimando-a e reconhecendo-a como sujeito de direito, competente e participativo no seu processo educativo.** A documentação que apresentamos a seguir, revela essa premissa:

Figura 2 – Documentação Pedagógica: “Descobertas: em cada convite um espaço”



Fonte: Centro de Documentação Pedagógica – RIUNI, 2020.

Explorar a natureza e incluí-la em seu planejamento é um grande desafio, principalmente, porque se oferece novas experiências que vão além dos brinquedos disponibilizados em sala ou à ida ao parque. Permite-se que as crianças tenham contato, sensações e explorem a natureza, tendo um objetivo, uma finalidade, pois “a vida das crianças na escola contém muitas pequenas coisas nas quais os afetos se unem ao prazer de fazer juntos: descobertas, explorações, jogos, mas também as trocas, o intercâmbio e laços de cooperação e de amizade” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 93), como a documentação acima nos mostra “[...] visibilidade à experiência da criança no encontro com o outro, mostrando como

constrói as suas relações no espaço coletivo, no processo de documentação pedagógica, torna-se primordial ver, ouvir, sentir e perceber os bebês e crianças pequenas” (SIMIANO, 2015, p. 59).

Momentos em que as crianças brincam, exploram, descobrem, inventam, imaginam é enriquecedor e, assim, conseguimos olhar para além das materialidades, pois “[...] o espaço educa, expõe ideias e externaliza mensagens” (SIMIANO, 2014, p. 03). Deste modo, é **fundamental que o professor considere o espaço, incluindo-o em seu planejamento** e explorando-o junto com elas, instigando-as à “[...] curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” (SIMIANO, 2014, p. 26), em um ambiente convidativo, acolhedor, sensível e que aceite a criança como ela é. Igualmente, deve ser explorado com as diferentes materialidades que a natureza nos proporciona e promover “[...] a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais” (BRASIL, 2010, p. 26), mostrando e conversando sempre com as crianças sobre o cuidado que devemos ter com a natureza, com o meio ambiente, propondo diferentes situações significativas. Melhor do que apenas conversarmos com as crianças, é **permitir que elas vivenciem diferentes formas de apreciação da natureza e seus fenômenos**, pois

[...] a criança tem uma relação com a linguagem onde as coisas estão mais perto do sentir (sensação, matéria, concretude) do que do significado (abstração, conceito, especulação). A palavra da criança está no corpo. É uma palavra poética, pois contém um elemento que transforma “um som da natureza em puro som do sentimento. (SIMIANO, 2015, p. 17).

Ao explorarem de forma significativa esses momentos, produzem uma memória afetiva que, com certeza, será lembrada por toda a vida, porque “[...] o que se documenta é um contexto educativo que permite acolhimento e reconhecimento, que permite gestos ‘amigos’ e de proteção em relação à cultura da infância e ao valor do educar” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 91).

Ao finalizar o processo da formação continuada, as professoras escreveram uma carta, compartilhando o seu processo de aprendizagem e conhecimento sobre o saber e a construção da documentação pedagógica. Dessa forma, podemos questionar: Será que o processo de documentar faz as professoras refletirem sobre o processo educativo? Será que ele contribuiu para a sua formação? A seguir, conheceremos a carta escrita pela professora, autora da Documentação Pedagógica: “Descobertas: em cada convite um espaço”.

Figura 3 – Carta escrita pela professora, autora da Documentação Pedagógica: “Descobertas: em cada convite um espaço”

→ No primeiro momento, sem muito entender sobre documentação pedagógica, pensei ser apenas mais um trabalho a ser feito, depois pensei... será uma formação?

Com o passar do tempo fui compreendendo que documentação pedagógica, nada mais é que formalizar a minha vivência com as crianças. Como foi gratificante ver meu "trabalho" / ou minha "ação pedagógica" sendo observada por outros colegas, e que olhares! Quanta riqueza no trabalho de cada colega, suas dedicações, seus desafios (mesmo desafios).

É uma troca de experiências singulares, cada uma pensando, estudando e refletindo para o melhor para nossas crianças, e em todo esse trabalho organizado faz pensar que o caminho é este mesmo, mudam as ideias, os meios, as formas mas a base de tudo é o "ser" que estamos ajudando a construir.

Obrigada a todos os envolvidos na caminhada!

Um abraço carinhoso,

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018.

O processo de Documentação Pedagógica, por meio da formação continuada, foi desafiador e essencial para criar outros olhares para a prática cotidiana. A proposta do processo formativo era de compartilhar com as professoras saberes sobre a documentação pedagógica e, por consequência, repensar acontecimentos, registros e as práticas das professoras, não com o intuito de oferecer respostas, mas continuar fazendo perguntas e buscando respostas, não às cegas, mas observando as crianças. Ou seja, colocando em prática a construção de uma documentação em que as crianças e os professores seriam os protagonistas.

Trabalhar com bebês e crianças pequenas é um desafio, visto que nem todos entendem e os consideram como sujeitos históricos e de direitos. Mesmo pequenos, nas relações, interações e vivências, constroem sua identidade pessoal e coletiva, brincam, imaginam, exploram, desejam, aprendem, observam, experimentam, questionam e constroem sentidos sobre a natureza e a sociedade e, por mais impossível e incrível que pareça, já produzem cultura. Assim sendo,

[...] a documentação nos permite dar visibilidade e reconhecimento ao que acontece no contexto educativo, em uma perspectiva que explicita a conexão entre os processos de crescimento individual e a dimensão social que alimenta e sustenta esses processos, a comunicação não-verbal que acontece como pesquisa de contato, as palavras que esclarecem – para nós mesmos e para os outros – significados e sentidos da ação, das quantas coisas que as crianças podem e sabem fazer juntas, não do ponto de vista da necessidade de compartilhar espaços, objetos e afetos, mas do ponto de vista do valor de ser iguais e diferentes em processos de crescimento e de descobertas compartilhadas. (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 124).

E para a professora que escreve a carta acima, esse processo “foi uma troca de experiência singular, cada uma pensando, estudando e refletindo sobre o melhor para nossas crianças [...]” (PROFESSORA A). Discutindo ideias, conversando sobre os acontecidos, refletindo sobre as vivências, pensando em novas propostas e, então, ela conclui: “[...] e ver todo esse nosso trabalho registrado faz pensar que o caminho é este mesmo; mudam as ideias, os projetos, as gerações mas a base de tudo é o ‘ser’ que estamos ajudando construir” (PROFESSORA A).

No dia a dia do contexto educativo, muitas coisas acontecem e, com isso, parar para observar e registrar, na maioria das vezes, tornam-se momentos raros, entretanto é essencial fazermos isso, pois uma das funções e objetivo de Lóris Malaguzzi, ao propor a documentação pedagógica, é exatamente a de “constituir material pedagógico para a reflexão sobre o processo educativo” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 10), com o objetivo de ressignificar a prática educativa, oportunizando base para discussão e para a avaliação dos acontecimentos do cotidiano e, assim, desafiar os professores todos os dias a pensarem em suas ações e planejamentos, tal como descrito pela professora que escreve a carta abaixo:

Figura 4 – Carta escrita pela professora, autora das Documentações Pedagógicas “a construção da cabana”; “as construções com a caixa de luz” e; “construções no jardim”

Durante a participação na pesquisa realizada sobre
 nossos registros, tive experiências incríveis. Durante a
 produção aprendemos muitas formas de registros,
 mas na prática a vivência de dia-a-dia vamos
 nos perdendo na rotina e acabamos nos perdendo e
 deixando escapar preciosidades. Citando dessa
 pesquisa, nos tiramos da “zona de conforto” e come-
 çamos a perceber mais o que está acontecendo
 ao nosso redor, com as crianças. Com os regis-
 tros desses momentos únicos, torna tudo mais
 significativo, e uma simples cena torna-se
 um espetáculo.
 Me senti muito empolgada com os
 encontros, de compartilhar meus registros e escu-
 tar os registros das minhas colegas. O comparti-
 lhar nos ajuda a desvendar os registros. O que
 está por trás de cada ação e cada momento
 quando tirado esse “véu”, é possível ver minu-
 ciosamente cada gesto, cada olhar que faz
 toda diferença naquela cena. E assim, conse-
 guimos conhecer um pouco mais de cada
 criança.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018.

Conforme a narrativa da professora, o processo de documentar nem sempre é fácil, “através dessa pesquisa, nos tiramos da ‘zona de conforto’ e começamos a perceber mais o que está acontecendo ao nosso redor, com as crianças” (PROFESSORA B). Porém, no fim, é gratificante, “me senti muito empolgada com os encontros, de compartilhar meus registros e escutar os registros das minhas colegas. O compartilhar nos ajuda a desvendar os registros” (PROFESSORA B).

Como resultado da experiência de documentar, completa dizendo: “Quando tirado esse ‘véu’, é possível ver minuciosamente cada gesto, cada olhar que faz toda diferença naquela cena – E assim, conseguimos conhecer um pouco mais de cada criança” (PROFESSORA B), ou seja, a **documentação pedagógica e o seu processo de documentar propõem, a quem documenta, novos conhecimentos, novas descobertas, proporciona outra forma de olhar para as crianças, “olhares atentos para as narrativas, os movimentos constituídos e**

constituintes” (SIMIANO, 2015, p. 13). Não com o intuito de observar e registrar todos os momentos, mas aquilo que “me toca”, que é fundamental para planejar novas situações significativas para as crianças, proporcionando novas aprendizagens.

4 CONCLUSÃO

O processo de construção do presente artigo foi uma experiência incrível, por meio dessa pesquisa, pudemos ver o quanto a documentação pedagógica é importante na prática pedagógica, na “pedagogia do dia a dia, que se constrói a partir das ações e das práticas cotidianas, do seu registro, da análise e da reflexão que se faz a partir deste cotidiano que transborda vitalidade, alegria e memória” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 21). Essa estratégia não beneficia apenas um lado ou uma pessoa, mas contribui com e para todos, pois além de fazer com que o professor sempre busque por novas situações significativas e se reinvente, faz, também, com que ele veja a criança como ativa, participante e coautora do seu aprendizado.

Analisar o que contam nas documentações pedagógicas que foram construídas nesse percurso formativo, o retorno de toda aquisição de conhecimento e a experiência adquirida por parte das professoras participantes, foi realmente algo maravilhoso. Pelo aprendizado durante esses quatro anos e meio no curso de Pedagogia, foi muito tranquilo identificar a imagem de criança presente em todas as documentações pedagógicas. Constatamos o respeito que as professoras têm pelas indicações das crianças, suas identidades próprias, seus gostos, seus desejos, suas especificidades, opiniões, liberdade que permite as crianças reorganizarem a sala, seus brinquedos e mobiliários. Notamos, igualmente, a imagem de crianças como protagonistas das suas ações, dos seus aprendizados, ativas na construção do conhecimento, que brincam, exploram, interagem, divertem-se e usufruem das diversas linguagens, ampliando seus repertórios, da forma como deve ser: sendo crianças!

Observamos, outrossim, indicativos de práticas docentes que asseguram as especificidades da educação infantil, pensando em diferentes situações significativas para as diversas infâncias que encontramos na instituição e que não se limitam somente ao cuidado, mas também nas brincadeiras, interações e nas linguagens, as quais são eixos norteadores da educação infantil e fundamentais neste processo. Nesse sentido, está em consonância com todo aprendizado e, principalmente, com aquilo que está assegurado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, onde as crianças brincam, exploram, interagem com o meio

que estão inseridas, com os adultos e outras crianças e, assim, se apropriam e comunicam por meio das diversas linguagens.

Por fim, foi possível estabelecer relações entre o processo de documentação pedagógica e sua contribuição na formação continuada de professoras da educação infantil, que se empenharam em aprender, despiram-se dos seus conceitos, atualizaram os seus conhecimentos. Estavam abertas ao novo, mesmo que isso tenha sido desafiador e as tenha tirado de suas zonas de conforto e que, em muitos momentos, tenha parecido quase impossível. Mas foi possível. Sendo assim, entendemos que a formação continuada é essencial para os professores, seja para atualizar os conhecimentos, promover discussões e novos olhares sobre diferentes assuntos, ou ensinar aquilo que faltou na formação inicial. Desse modo, poderemos chegar a uma prática pedagógica que seja, integralmente, sustentada pela dimensão ética e estética, pois acreditamos na Documentação Pedagógica como uma proposta capaz de potencializar um novo olhar sobre a prática, sustentando a docência na educação infantil e ampliando, por meio desse processo, as linguagens, brincadeiras e interações das crianças, promovendo discussão e compartilhamento na construção de laços entre a escola, professores, pais e comunidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CAMPOS, M. M. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em Debate. **Educação & Sociedade**, São Paulo, Ano 20, n. 68, p. 126-142, dez. 1999.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação infantil na primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- EWDARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GALARDINI, Anna Lia; IOZZELLI, Sônia. Dar visibilidade aos acontecimentos e aos itinerários de experiência das crianças nas instituições para a pequena infância. *In*: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2017. p.87-109.
- KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 96. Especial, p. 797-818, out. 2006.

KRAMER, Sônia. **Profissionais da educação infantil: gestão e formação.** (org.). São Paulo: Ática, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LISBOA, Anna Carla Luz. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil: um olhar para a dimensão estética.** 2019. 131 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/8083>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica: teoria e prática.** 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In:* OSTETTO, Luciana Esmeralda. (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores.** Campinas: Papirus, 2008. p. 13-32.

RINALDI, C. A imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. *In:* EDWARDS, C. P. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: FGV, 2002. cap. 4, p. 75-81.

SIMIANO, Luciane Pandini. A avaliação e a documentação pedagógica na perspectiva da educação infantil inclusiva: entre palavras, imagens e sentidos... *In:* **IV Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação / VII Congresso Luso Brasileiro de Política e Administração da Educação.** Porto, 2014.

SIMIANO, Luciane Pandini; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SILVA, Clara Maria. Marcas de uma pedagogia tecida nas relações: documentação pedagógica como narrativa da experiência educativa na creche. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 200-217, maio/ago. 2018.

SIMIANO, Luciane Pandini. **Colecionando pequenos encantamentos...** A documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças bem pequenas. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.